

**Vinte e Nove Assaltos ou os Novos Pactos,  
Outras ficções: Ensaios sobre literaturas afro-luso-  
brasileiras, de Laura Cavalcante Padilha. Porto Alegre:  
EPIDUCRS, 2002.  
Coimbra: Imbondeiro, 2003.**

Margarida Calafate Ribeiro

Depois de rão originalmente trabalhar a obra de Eça de Queirós em *A Ilustre Casa de Ramires: o espaço do desejo* (1989) e a ficção angolana em *Entre Voz e Letra – O Lugar da Ancestralidade na Ficção Angolana do Século XX* (Nitéro: EDUFF, 1995), em *Novos Pactos. Outras ficções: Ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras*, Laura Cavalcante Padilha oferece-nos em vinte e nove ensaios uma viagem dialogante por entre algumas das obras basilares da cultura lusó-fona, utilizando um manancial teórico que desde logo desafia o ‘cânone ocidental’ branco e masculino ao fazer dialogar, lado a lado, os grandes teóricos ocidentais, mas também os africanos de língua portuguesa, francesa ou inglesa e os brasileiros, pelas privilegiadas vozes de Antônio Cândido, Alfredo Bosi, Silviano Santiago, Leda Martins ou Vera Queirós. ‘Fará a África parte do Ocidente?’ (p. 241), interroga Laura Padilha. Parodiando o ‘olhar sphyn-gico e fatal’ de Pessoa, pelo que ele deixa de fora, Laura Padilha persegue as criações desses lugares outros ou desse ‘entrelugar onde a fala própria interage com a alheia, criando-se a terceira margem’ (p. 241) ou, por outras palavras, onde se tecem outras vozes em diferença. Mas a indagação da ensaísta vai mais longe ao interrogar também o incipiente ‘canône’ africano lusófono estabelecido, lido e codificado pelas obras pioneiras de Manuel Ferreira, Gerald Moser ou as conhecidas entrevistas de Michel Laban. Em ‘A diferença interroga o cânone’ a pergunta perturba: onde estão as mulheres, onde estão os negros? Será este ‘canône’ reproduzidor do tal outro ocidental masculino, branco, revestido de vestes e vozes africanas? Por que razão se insiste em apontar um centro que apaga as diferenças? Daí a pertinência da frase de Paula Tavares em entrevista a Michel Laban, citada pela ensaísta: ‘Eu sinto-me melhor quando grito’ (p. 169).

As questões levantadas por Laura Padilha não são, portanto, meramente teóricas ou literárias. São literárias, teóricas, políticas, históricas e sociais e têm a espessura de séculos. Questionam o(s) centro(s) a partir das margens,

pois é lá que, nas leituras da ensaísta, se afirmam as diferenças e se depuram as identidades.

Como a autora informa no prefácio que dedica à obra, a reflexão ensaística aqui publicada é fruto de um trabalho de dez anos de participações em congressos, colóquios e outras conversas. A apresentação expressamente fragmentária que este tipo de livro encerra é contornada pela autora ao agrupar as suas tessituras textuais usando as ligações que os textos em análise sugerem, destacando três grandes grupos: 'Dobras narrativas,' com textos dedicados essencialmente à ficção angolana (de Assis Júnior e Alfredo Troni ou Castro Soromenho a Pepetela, Boaventura Cardoso ou Sousa Jamba), mas também a *Partes de África*, de Helder Macedo, a Mia Couto e às 'casas' queirobianas, todos unidos na sua diversidade de dizer África; 'Novas fiandeiras de palavras,' constituído por seis excelentes ensaios integralmente dedicados a sujeitos autorais e poéticos femininos para que assim se ouça 'o grito diferente e, através dele, a fala dos excluídos dos rituais canónicos': Alda Espírito Santo, Alda Lara e Noémia de Sousa são lidas nas suas vozes rasgadas contra o(s) colonialismo(s), mas também Odete Semedo, Vera Duarte e marcadamente Paula Tavares; e finalmente a terceira parte: 'Diálogos, reconversões, contaminações,' composta por dez ensaios, de que destaco os dedicados à poética de Edmilson de Almeida Pereira, na sua forma de dizer África no Brasil e estudado comparativamente com duas grandes vozes africanas: Francisco José Tenreiro e Ruy Duarte de Carvalho.

Assim o livro ganha organicidade e unidade, destacando a navegação surpreendente e ambiciosa que Laura Padilha nos oferece da ficção e da poesia produzida em língua portuguesa. Ora trabalhando os textos portugueses, angolanos, moçambicanos, são-tomenses ou brasileiros per si, ora analisando as margens dos universos literários, onde situa as escritas regularmente silenciadas das mulheres africanas ou dos negros no Brasil, ora ainda usando a dimensão comparativa como, por exemplo, nos pertinentes cruzamentos entre as vozes poéticas de Alda Lara e de Florbela Espanca, de Edmilson de Almeida Pereira e de Ruy Duarte Carvalho, de Edmilson de Almeida Pereira e de Francisco José Tenreiro e, de um ponto de vista ficcional, entre Helder Macedo e Mia Couto, Pepetela e Manuel Rui ou Pepetela e Boaventura Cardoso, Laura Padilha dá-nos a possibilidade de pensar criticamente o universo lusófono. Universo composto por 'partes sem todo,' no conhecido verso de Alberto Caeiro, certamente inspirador das *Partes de África* de Helder Macedo, que Laura Padilha elege como um texto português seminal para o

diálogo inter-cultural em que as partes africanas, portuguesas, brasileiras que compõem o universo em análise não são mais vistas sob o olhar português como um percurso de saudade, mas como um percurso identitário múltiplo a construir num constante movimento impulsionado teórica e textualmente pelos ‘não canônes’ (se me é permitida a expressão) do sul.

Partindo do princípio teoricamente muito bem fundamentado de que a ficção contemporânea de Angola e de Moçambique constitui um terreno fértil e impossível de ignorar, para quem se interessa pela construção das identidades nacionais destes países, Laura Padilha aborda, ao longo de vários ensaios e de forma bastante diversa, dois elementos que me parecem muito pertinentes: por um lado, e particularmente em relação ao imaginário angolano, a importância da reinvenção mitopoética de Luanda e da Lunda, espaços que, nas palavras da ensaísta, constituem ‘metáforas da existência de duas Angolas’ (p. 27) em permanente tensão, e a reinvenção/recuperação da tradição nestas literaturas, em especial a combinação e a convivência entre o texto tradicional oral e o escrito, o que inevitavelmente traz em si a questão da língua portuguesa.

Relativamente ao primeiro aspecto partiria do ensaio ‘Ficção angolana pós-75 processos e caminhos,’ em que a autora nos dá conta dos trilhos seguidos pós-independência das ‘Angolas’ desenhadas por Luandino Vieira – a Luanda dos musseques, nas também do cimento, com a mão do colonizador e a sua ocidentalização urbana — e por Castro Soromenho a Lunda, ‘berço de Lueji’ e ‘forma de condensação imagística de outras realidades angolanas onde, (...) avultaram senzalas e quimbos, como negros sinais’ (pp. 27-28). Duas Angolas que a independência não desfez e que, de outras formas e noutras representações, terá até acentuado (p. 28), como mostra Laura Padilha na profunda leitura que faz das obras de Pepetela, Manuel Rui e Boaventura Cardoso ao longo de vários ensaios. Na leitura de Laura Padilha das obras dos referidos autores e na sua análise em relação ao retorno às raízes que todas oferecem, empenhadas em reconstruir as pontes entre estas duas realidades, conclui-se que o maior traço de união é a ‘língua de todos,’ o português, mas dita na forma em que a ‘letra abraça a voz’ (p. 30).

A ‘semântica da diferença’ que, na óptica da ensaísta, estas literaturas exprimem acontece a partir de ‘falas-em-diferença’ enunciadas em português (p.37). Tal diferença inscreve-se na ruptura com os padrões estéticos do ocidente branco, europeu, tornando-se capaz de criar o lugar imaginado, onde o homem africano luta por se tornar sujeito do seu próprio destino, da sua história e da sua língua. Obras como as de Luandino Vieira, Pepetela,

Ungulani Ba Ka Khosa, Manuel Rui e Mia Couto são objecto de exemplo e de estudo pelas diversas leituras que oferecem da riqueza do processo linguístico e da crueza do processo histórico. A forma mais explorada de tentativa de superação desse processo histórico toma como ponto de partida a recuperação, no universo narrativo escrito, da tradição africana e portanto da oralidade, como Laura Padilha demonstra na análise comparativa que nos oferece de obras como *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto e *O Desejo de Kianda*, de Pepetela. Assim, a autora mostra como a língua portuguesa se dobra aos contornos africanos e ganha novas cintilações. Esta ‘dobragem’ da língua portuguesa aos seus múltiplos utilizadores torna-se ‘ela própria um instrumento que se volta contra o processo de dominação, abrindo-se para o dialogismo cultural que passa a veicular’ (p. 51). É assim que vemos como a sua posse se torna parte do processo de reivindicação identitária, nos textos africanos pré-independência. Nos textos pós-75 tudo sofre uma viragem, pois o projecto político, social e cultural é fruto do anterior, mas é já outro. Contudo, os textos continuam a sua aposta na desterritorialização. A intenção didáctica e lúdica que permeia o texto oral, transfigurada em texto escrito, mantém-se, mas a cenarização, como mostra Laura Padilha na senda de *Sim, Camarada*, de Manuel Rui, é outra: os portugueses saem de cena, ou seja, nas palavras de Laura Padilha, ‘os que se enfrentam metonimicamente em forma de nós e eles já não são mais os angolanos e os portugueses, mas tão somente os angolanos, dolorosamente incluídos e excluídos’ (p. 52), mostrando desde o início uma nação emergente plena de fissuras ameaçadoras e geradora de uma nova semântica da diferença: as novas guetizações geradas na Angola independente em que os excluídos ou dominados são identificados como inferiores das tais ‘duas,’ ou mais, ‘Angolas,’ de que falávamos inicialmente. Neste contexto, e como nos textos pré-independência, a tradição continua a ser o imaginário da alteridade. Por isso, e como muito bem enunciou Laura Padilha, ‘Recuperar, pois, a tradição significa trazer para a cena do texto a marca da alteridade, para com ela atingir-se, a um só tempo, a modernidade e a descolonização da fala literária’ (p. 49).

De tradição e de oralidade ‘fantasiada de escrita’ nos falam as vozes de Noémia de Sousa, Alda Lara e Alda do Espírito Santo, cujos poemas Laura Padilha lê admiravelmente como gritos poéticos individuais e colectivos, explorando não apenas a questão da raça, mas também a questão do género. Ligações possíveis são estabelecidas com os continuados gritos das mulheres africanas mais jovens e as suas novas modelações, nomeadamente em Paula

Tavares, cuja voz poética seduz, merecidamente, a ensaísta. Ainda 'a última que é a última entre os negros que já são últimos na concepção dos demais povos civilizados' (nas palavras de Alda do Espírito Santo citadas por Laura Padilha (p. 180), a mulher é, em Paula Tavares, a maior vítima dos senhores da guerra, mas também o maior foco de resistência, pois são elas que inventam a vida, continuando a nação nas suas tarefas tradicionais que a guerra insiste em desfazer e destruir. Mas, como Laura Padilha tão bem mostra, a mulher é também corpo numa relação de cinco sentidos com a terra africana por si semeada de palavras portadoras de uma voz e de uma sensualidade outra, geradoras de uma utopia outra, de uma vida outra, que afirma a diferença num terreno pleno de falos e de morte numa nação adiada.

Para terminar não poderia deixar de referir a gloriosa tarefa de Laura Padilha de, ao indagar os cânones, a origem das teorias e a sua aplicabilidade ou falência face ao universo literário africano, nos proporcionar um diálogo único entre as várias correntes e estudiosos que têm animado a crítica ocidental e os outros, os do sul, africanos ou brasileiros, ao mesmo tempo que nos instiga a reflectir sobre a necessidade de um corpo crítico e teórico para pensar o universo literário africano. Esta é, nas palavras de Laura Padilha 'uma das obsessões fantasmáticas dos estudiosos brasileiros dessas literatura' (p. 331), de que a inquietação crítica de Laura Padilha é seguramente líder. Assim, no entender da ensaísta, estaríamos realmente descolonizados e capazes de analisar as especificidades deste vastíssimo universo, não como um apêndice da crítica ocidental ou um parente pobre que aproveita os restos de teorias sobre uma modernidade que não é africana, mas de uma leitura crítica dialogante com o exterior, que não ofusque ou não refira outros pensadores que até pela língua em que se exprimem acabam por ser marginalizados ou mesmo desconhecidos. É neste aspecto fundamental o diálogo que Laura Padilha estabelece entre uns e outros mostrando-nos a pertinência e a originalidade do pensamento de uns e outros.

Pensar o universo lusófono à altura da excelência da sua variedade e da sua produção estética é o sonho, realizado neste livro e a continuar, de Laura Padilha, guetizá-lo ou torná-lo satélite de outros sempre em busca de algo que não é nosso, ocultando ou rasurando o nosso, é o seu receio e a razão da sua luta. Os ensaios de Laura Padilha pela sua provocação ideológica, pela sua belíssima leitura crítica comparativa e pela excelência do seu texto instigam-nos a dialogar, instigam-nos a responder.

Margarida Calafate Ribeiro Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra.